

Limpeza do espírito

1945.03.18

QUANDO a responsabilidade do ensino me força a leitura de certas teorias filosóficas, económicas ou puramente sociais, corro a refugiar-me, logo que posso, entre as páginas simples das Escrituras, com o mesmo instinto de conservação que impele o carvoeiro a lavar o seu corpo, depois de um dia de trabalho.

Bendita seja a limpeza! E, se é o espírito quem toma banho, três vezes bendita seja!

Expliquei, há dias, numa lição, a tese social dos economistas do optimismo manchesteriano. Sedutora teoria, classificada ainda recentemente pelo neo-liberalismo como a admirável doutrina do esforço, a progressiva doutrina da coragem! Tudo muito simples, nesta escola da ingenuidade. A iniciativa privada, a livre concorrência, a selecção dos mais capazes, o progresso indefinido para a riqueza e para a harmonia social.

Simplemente, a liberdade dos apetites e da ambição — que eles reclamam como condição essencial de todo o progresso — tem o seu reverso bem negro: a eliminação dos incapazes de tanta ousadia, a exploração dos fracos, a submissão do trabalho ao dinheiro, a proletarianização do povo, a miséria da maioria.

Não importa, proclamam. O darwinismo não veio provar que a selecção natural dos melhores pela eliminação dos incapazes é condição necessária do progresso da espécie? «E' indispensável», escreve Dunoyer, que existam na sociedade lugares inferiores onde possam cair as famílias que se conduzem mal, e donde não possam sair senão com um persistente esforço para bem se conduzirem. A miséria é este terrível inferno.

Aparece-nos assim a miséria como um bem social, uma espécie de penitenciaría para castigo dos indolentes, dos preguiçosos, dos falhos de iniciativa e de energia, dos mal comportados. E a livre concorrência, isto é, a luta dos interesses ou a batalha das ambições, como uma espécie de tribunal do povo, a justificar uns e a condenar os outros, para que o mundo caminhe sem peias para um futuro de gloriosa abundância e bem-estar.

Acabada a lição, esperavam-me umas boas dezenas de desempregados e de miseráveis. A um por um, todos foram ouvidos. Rapazes novos que ainda não tinham dado provas. Homens válidos que estavam desempregados. Velhos que já não podiam trabalhar. Viúvas com um rancho de filhos, etc. Entre eles, lá aparecia um ou outro sem profissão certa, sem competência profissional, sem nada que o recomendasse, antes, pelo contrário, com evidentes marcas de degenerescência moral e física.

Todos eles encontravam-se nesse «terrível inferno» de que nos falou tão entusiasmado o liberal Dunoyer, e de que nos falam, a todos os momentos, todos os liberais de doutrina ou de comodismo.

Passei a tarde a advogar a causa daqueles «condenados». Aos rapazes novos, dei-lhes cartas de apresentação. Iam prestar as primeiras provas, se tivessem a sorte de serem atendidos — o que nem muitas vezes acontece. Nem mereciam estar no «inferno liberal», porque não tinham tido ainda tempo de «mal se conduzirem».

Aos velhos, gastos do trabalho, mas já sem forças para darem o necessário rendimento, também não lhes vi culpabilidade para o «inferno da miséria», e advoguei a sua «inocência» perante a Misericórdia ou a Assistên-

Aos homens válidos, investiguei das razões da sua «condenação». Mil e uma, afinal. Com mais ou menos calor, lá fui advogando a causa de cada um.

E' evidente que aos outros, aos que me pareciam, de facto, falhados, viciados, incorrigíveis, incompetentes, tive de lhes dizer que não podia tomar a sua defesa. Para quê?

Mas também neles, como aliás nos outros, vi choros e ranger de dentes. Autêntico inferno.

A' noite, mais cansado pelo desânimo do que pelo trabalho, peguei no meu breviário. A certa altura, deparo com este versículo do salmo número onze: «Porque os pobres estão na aflição e os miseráveis gemem, erguer-me-ei, diz o Senhor».

E pensei então: — e porque motivo deveremos todos nós continuar sentados, muito descansadinhos louvando a sabedoria da «natureza» que soube criar um «inferno» neste mundo para castigo dos que... não têm culpa de serem fracos? Dos que se encontram em miséria imerecida, como disse Leão XIII?

Raciocinei assim: — se em lugar de deixarmos todos esses desgraçados afundar-se de cada vez mais nas profundas da miséria; se em lugar de os calcarmos ainda mais para o fundo do tal inferno social, lhes lançássemos a mão, erguendo-nos do nosso repouso comodíssimo, para fazer qualquer coisa por eles, o inferno da miséria continuaria a devorar tamanha multidão de gente?

E lá continuei com os meus salmos: «Bem-aventurado o homem que cuida do miserável e do pobre», começava o salmo quarenta.

Não restam dúvidas! E' preciso agir.

Como? Muita coisa se poderia fazer, mas o principal é querer fazer.

A experiência de longos anos, em que todos os dias ouvimos a aflição dos pobres, o gemido dos miseráveis, o choro das viúvas diz-nos que muita coisa se poderia remediar.

A Assistência deixava de atirar baldes de água para o «inferno» da miséria — o que alivia, mas não liberta — e começava a lançar «escadas de salvação». Organizava Centros Sociais modernos com o encargo de regenerar as famílias, educá-las, tomar as crianças para lhes dar o sentido da vida, acompanhar os jovens para os formar para novos lares mais arejados, mais dignos e com maior esperança de resgate. Centros Sociais que, pelo espírito e pela acção, comunicassem aos «condenados» a certeza da solidariedade social, da fraternidade de cristã, que levanta, dignifica, regenera.

O Desemprego tomava para si o encargo da reconquista dos valores

perdidos por falta de preparação o trabalho ou de adaptação a um prégo. Muitos dos condenados — mais das vezes precisamente por rem nascido já condenados — sabem fazer nada, só porque não lhes ensinaram, nem lhe deram possibilidades de aprender. Orientação profissional, escolas de adaptação e readaptação ao trabalho, selecção de valores, que também os há pena na miséria imerecida. Seria a melhor trabalho e o mais útil, a sempenhar pelo Commissariado do desemprego. Então já poderia ele receber pessoal seleccionado e dirigido, dando aos rapazes e aos homens válidos uma esperança de resgate já se faz a recuperação de amor porque motivo se não vai para a recuperação dos normais, que podem ser elementos muito mais úteis e veitosos na sociedade?

O I. N. T. P. procuraria dar o melhor desenvolvimento às medidas de previdência social, de maneia não demorar a reforma dos valores a segurança no trabalho, o ar na doença, a justa remuneração e incapacidade por acidente; e a económica dos lares cujo chefe não.

O Ministério da Economia poderia voltar a iniciativa privada no sentido de se criarem novas fontes de riqueza de forma a dar trabalho a todos os braços desocupados e adaptados por uma inteligente utilização do seu maior aproveitamento.

O Ministério da Justiça tomava sua conta, pela organização de penas penais de trabalho, a utilização de todos os braços dos rebeldes delinquentes, dos culposamente envolvidos.

O Ministério das Colónias cuidava da colocação, pelo desenvolvimento colonial, de todos aqueles que, de todos os esforços, sobressaíam as necessidades nacionais.

Concertada a colaboração dos, deixaria de existir o tal inferno da miséria e até a insensibilidade que, de ordinário, se encara a tendência dele.

Arreple a indiferença com a fala do desemprego. No fundo o liberalismo pagão a actuar os princípios anti-liberais.

Bendita seja a higiene espiritual. Quem dera que se espalhasse o mesmo ritmo com que se procedia ao saneamento das pavoações, ou a lavagem do corpo, depois de um banho, que, por sua natureza, o

Se todos procurássemos estar limpos, não mais continuaria a presença pela miséria, o comodismo diante dela, nem tão pouco as acções dirigidas a aqueles que, já lavados o espírito, se não formam com que os seus irmãos mais culpados que sejam, se a

o nem nas valetas da sociedade

ABEL VARZI